

Políticas do pós-humano

Interfaces dos corpos, das sexualidades e das tecnologias digitais¹

Edvaldo Souza Couto
Faced-UFBA
edvaldosouzacouto@pq.cnpq.br

Já que o mundo se encaminha para um delirante estado de coisas, devemos nos encaminhar para um ponto de vista delirante.

Jean Baudrillard

Introdução

Os últimos anos do século XX e o começo do século XXI foram marcados por vários anúncios catastróficos-espetaculares que sinalizavam o fim da história, da natureza, da filosofia, da economia, da política, da arte, do humanismo, do corpo, da sexualidade. Muitos propagaram a era da liquidação e desmoronamento totais e o fim disso ou daquilo foi proclamado para atender a todos os gostos. Tudo ruiu. E nada acabou. Até porque, como escreveu Baudrillard (1992), nada mais acaba por chegar ao fim, mas por dissolução, circulação sideral, indiferença generalizada. Isto quer dizer que, por um lado, nada acabou e, por outro, nada é mais também do jeito que era. É partindo desse pressuposto, de que o fim é a ilusão radical do nosso tempo, que esse trabalho analisa as interfaces dos corpos, das sexualidades e das tecnologias digitais para identificar renovados modos de ser. Por meio dessas conexões, sempre incompletas e insuficientes, o estudo se concentra nas abordagens sobre o estatuto do humano, sua desqualificação e requalificação na cibercultura; faz incursões nas transformações aceleradas do humano, do corpo e do sexual a partir das revoluções tecnocientíficas e biotecnológicas que prometem a plena realização individual e coletiva, a felicidade

¹ Trabalho encomendado do “GT 23 – Gênero, Sexualidade e Educação”, apresentado na 32 reunião anual da ANPED, em Caxambu-MG, em 05/10/2009.

técnica de viver. A proposta não é a de investigar o fim, mas as mutações promovidas pelas tecnologias de ponta que constroem diferentes modos de existir.

O trabalho está dividido em três tópicos complementares. O primeiro, intitulado “Políticas do corpo ciborgue”, discute a crescente simbiose entre homens e máquinas, carne e técnica, natural e artifício. Mostra que o corpo já foi colonizado pelas próteses eletromecânicas, químicas, comunicacionais. E que essa colonização técnica condiciona a definição do que e como somos agora. O segundo, intitulado “Políticas do pós-humano”, demonstra que o ciborgue realiza antropologicamente a transfiguração do humano e, a partir daí, conceitos como o de “pós-humano” e “transhumano” entram em cena. Múltiplas análises desses termos são feitas com o intuito de melhor compreender os corpos cada vez mais tecnicamente equipados e preparados para conectar e entrar em rede, inserir-se no ciberespaço. O terceiro, denominado “Interfaces dos corpos, das sexualidades e das tecnologias digitais” se atém mais especificamente nas questões relacionadas às com-fusões que essas simbioses suscitam nas práticas e signos sexuais que circulam abundantemente por toda parte. Discute as sexualidades além do sexo, fora da reprodução e do prazer, espetacularizadas na publicidade e nas redes integradas, com códigos livres para múltiplos acessos. Sexualidades sem corpos como poéticas tecnológicas digitalizadas.

O trabalho conclui que as políticas do pós-humano e da pós-sexualidade também tem as suas contradições, e as extraordinárias com-fusões que prometem o gozo eterno não excluem os resíduos corporais e de sexualidades consideradas anacrônicas. Aponta que esse é um campo fecundo para os estudos sobre corpo, gênero e sexualidade na atualidade; um campo que desafia, sobretudo, os educadores diante da vida digital.

1. Políticas do corpo ciborgue

O homem inventa a técnica e é por ela reinventado. Sem a arte, sem a técnica gestual e mental, sem os artefatos, o humano nos é desconhecido. Isso significa que é essencial a produção da artificialidade, presente desde a formação das primeiras sociedades (KENSKI, 2003). Segundo Aristóteles, o artificial é tudo aquilo que é produzido pelo homem e que não tem por si mesmo a possibilidade de se autoproduzir. O artificial é o próprio fazer humano. Assim, criar o artifício é uma atividade absolutamente natural e a história do humano e a de seus artefatos coincide plenamente (BURG, 1996). Querer separar o natural do artificial, o homem da técnica, não faz

sentido. Essa dicotomia, de acordo com Simondon (1989, p. 09) é falsa e sem fundamento, fruto da ignorância ou do ressentimento. A formação do homem e da técnica se estabelece num processo simbiótico.

É nessa perspectiva que devemos pensar o ciborgue. O primeiro homem que de uma pedra fez uma arma ou um utensílio doméstico é o mais antigo ancestral do ciborgue. Na atualidade, quando o mundo é traduzido em informação, tempo real e ciberespaço, o processo simbiótico da cultura está vinculado às tecnologias do virtual. Esse processo acentua a ciborgização do homem e da cultura contemporâneas. É nesse contexto que florescem os discursos sobre a transformação dos humanos em ciborgues.

O termo *ciborg* (cib-ernético mais org-anismo) foi criado em 1960, por Manfred Clynes e Nathan Kline, para designar os sistemas homem-máquina auto-regulativos, quando analisavam os problemas que as viagens espaciais atingiam a neurofisiologia do corpo humano. O conceito ciborgue, na ficção científica, parece surgir de uma história de Arthur Clark, de 1965, intitulada *The City and the Stars*, designando os organismos cibernéticos. De lá pra cá a literatura e o cinema exploraram inúmeras vezes as imagens híbridas do homem-máquina, em abordagens quase sempre alarmistas e assustadoras. Mas mesmo com tamanha carga pessimista, a força dessas imagens se somou a outras mais otimistas, encantadoras e gloriosas e alimentam o nosso imaginário sobre a mixagem do corpo com os equipamentos tecnológicos avançados. O ciborgue é uma ficção que abarca a nossa realidade social e corporal. É um recurso imaginativo diante dos múltiplos acoplamentos frutíferos que fazem parte da nossa vida.

A questão do ciborgue, nos estudos da cultura, foi introduzida por Donna Haraway, com o *Manifest for Ciborgs*, em 1985. Para Haraway (1995, p. 253), o ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo especiais apropriados para os tempos em que vivemos, um composto biológico-técnico: uma parte é dada, outra é construída; uma criatura de realidade social e também de ficção.

Ao propor o modelo ciborgue como a nova realidade corporal Haraway defende que é típico da vida atual o questionamento a respeito dos dualismos tradicionais. Com o modelo ciborgue o que entra em colapso são os limites supostamente demarcados, por exemplo, entre o homem e o animal; o homem e máquina e o físico e o não-físico. O ciborgue surge em meio à cultura contemporânea como um transgressor das fronteiras construídas, desconstruídas e vencidas (COUTO, 2001).

No primeiro momento, trata da ruptura entre a natureza e a cultura. Na atualidade, o progresso da engenharia genética permite o surgimento de novos animais

de laboratório. Cada vez mais esses corpos, por meio de uma onda crescente de experimentos e transplantações, passam a fazer parte do organismo humano. Vivemos a época da ultramecanização dos corpos e partes de animais e homens se fundem. Ao invés de assinalar a separação entre as pessoas e outros seres vivos o ciborgue indica acoplamentos inquietantes e prazerosos. Ele aparece mitificado precisamente onde a fronteira entre o animal e o humano passa a ser continuamente transgredida.

No segundo momento, trata da ruptura entre o homem e a máquina. Essas fronteiras se tornaram débeis com a auto-replicação, a criação e a implantação de órgãos artificiais que fazem do humano uma mistura orgânico-cibernética, simulando perfeitamente a morfologia e as funções dos órgãos vivos. Essa é a possibilidade da interface entre o sujeito e os objetos técnicos, pois o vivente se alia as estruturas inertes. Com a fabricação de órgãos artificiais é crescente a popularização da introdução sistemática de aparelhagens no corpo. As próteses se multiplicam e cada vez mais regulam o funcionamento do pulmão, coração, corrente sanguínea etc. Muitas vezes são garantias do desempenho corporal ideal. A performance fisiológica é cada vez mais ajudada, ajustada ou dependente de aparelhos mecânicos ou eletrônicos na superfície e dentro do corpo. As máquinas colonizam nossas vísceras e o organismo se torna o lugar privilegiado das tecnologias (COUTO, 2007). Aqui, o ciborgue é da ordem do protético.

No terceiro momento, estamos diante da virtualização do mundo. Os corpos das máquinas mudaram muito nas últimas décadas. Estamos diante da realidade da desmaterialização. A dimensão material da máquina não mais se expande. Ela se encolhe, torna-se restrita, cada vez mais imperceptível. Essa é a era das nanotecnologias, as tecnologias do infinitamente pequeno. As máquinas pós-industriais são energéticas. Trata-se de comunicação, inteligência. O que era físico e visível está se tornando não-físico, invisível. Agora vivemos com tecnologias brandas, *software* genético e mental. Aqui, as relações homem-máquina se deslocam. A interface não é mais material, é intelectual; já não diz respeito à matéria, mas à informação. Assim, o ciborgue passa a ser da ordem do nano-protético, é praticamente éter. Sua quintessência é a invisibilidade.

Desta forma, os ciborgues estão em contato íntimo com as tecnologias de informação e comunicação e possuem uma subjetividade associada a uma combinação física e mental do biológico com o tecnológico de última geração. As tecnologias de comunicação e as biotecnologias são ferramentas decisivas para reconstruir e metamorfosear nossos corpos híbridos (DERY, 1998). A medicina moderna promove

cada vez mais esse zumbido do híbrido. O hospital é o lugar certo para a ciborgização dos viventes: a hemodiálise, as máquinas de reanimação, as aparelhagens para acentuar ou disfarçar uma desvantagem física ou mental, os embriões concebidos *in vitro*, os exames computadorizados, os medicamentos etc. A medicina atual transforma o humano em ciborgue.

De um lado, a configuração do ciborgue se concentra na ultramecanização e eletrificação do humano. De outro, na acelerada humanização e subjetivação das máquinas. O ciborgue é esse elemento de combinação, que cria criaturas tecnicamente melhoradas. É um corpo fortalecido, construído como uma máquina de alta performance. Nas palavras de Tadeu da Silva (2000, pp.14-15):

Implantes, transplantes, enxertos, próteses. Seres portadores de órgãos “artificiais”. Seres geneticamente modificados. Anabolizantes, vacinas, psicofármacos. Estados “artificialmente” induzidos. Sentidos farmacologicamente intensificados: a percepção, a imaginação, a tensão. Superatletas. Supermodelos. Superguerreiros. Clones. Seres “artificiais” que superam, localizada e parcialmente (por enquanto), as limitadas qualidades e as evidentes fragilidades humanas. Máquinas de visão melhorada, de reações mais ágeis, de coordenação mais precisa. Máquinas de guerra melhoradas de um lado e outro da fronteira: soldados e astronautas quase “artificiais”; seres “artificiais” quase humanos. Biotecnologias. Realidades artificiais. Clonagens que embaralham as distinções entre reprodução humana e reprodução artificial. Bits e bytes que circulam, indistintamente, entre corpos humanos e corpos elétricos, tornando-os igualmente indistintos: corpos humanos-elétricos.

Além de protéticos, os ciborgues também podem ser da ordem do interpretativo. Nessa esfera, o que está em questão não é a fusão corporal da máquina e da carne, mas os condicionamentos promovidos pela publicidade e mídias em geral. Pelos efeitos da sociedade do espetáculo somos todos ciborgues interpretativos, dominados e transformados em pura programação imagética e tecnológica.

Se o devir-ciborgue é o resultado do processo simbiótico entre o homem, a técnica e a cultura, o ciborgue atual, protético e interpretativo, é resultado da virtualização da cultura que reformula e redimensiona de modo radical a nossa maneira de ser e estar no mundo (COUTO, 2000). Tal é o cenário onde o modelo ciborgue vive plenamente, como alegoria do nosso presente e ao mesmo tempo do nosso destino, parâmetro da medida daquilo que somos e estamos nos tornando: híbridos teorizados e fabricados de máquinas e organismos, quimeras, mosaicos. A composição singular do

sujeito que encarna o futuro aberto das ambigüidades e diferenças. Agora, em um mesmo corpo, reúnem-se o orgânico e o mecânico, a natureza e a cultura, o original e o simulacro, a realidade social e a ficção científica. Em outras palavras, como escreve Haraway (1995, p. 254): “somos todos ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia, nos outorga nossa política”.

2. Políticas do pós-humano

As políticas do corpo ciborgue estão no centro dos questionamentos sobre o que é ser humano no século XXI. A paisagem antropológica na cibercultura é impressa pela predominância da tecnociência, com predomínio da biotecnologia, e reinveste os homens de outros poderes, pois todos somos diretamente afetados pelas reconfigurações em andamento. E em velocidade sem precedentes. Nesse contexto, nos deparamos com os renovados devaneios, desesperados para uns, criativos para outros, sobre as transfigurações do humano e o nosso vocabulário se enriquece a partir dos corpos e seres híbridos, assinalados pela heterogeneidade orgânica. A partir daí entra em cena o pós-humano.

O diagnóstico de que o presente é a era do esgotamento da humanidade do homem é cada vez mais aceito. O avanço exponencial das possibilidades de interferência técnica no corpo e nos genes expõe o nosso desconforto com um certo projeto antropológico e filosófico de homem, ligado ao conceito moderno de sujeito, que valorizava a autonomia das ações, a autodeterminação e a autenticidade de si mesmo, a individualidade singular. A partir desses valores eram organizadas as lutas políticas e os modos de vida. Porém, a idéia do esgotamento do homem corresponde ao fim da metafísica moderna. E agora, graças às tecnologias de ponta - com a biológica sintética, que pretende criar a vida artificial; a convergência das nanotecnologias, das biotecnologias, das técnicas da informação e das ciências cognitivas - é preciso proceder à passagem da evolução biológica para a evolução técnica, na qual o humano dará lugar ao pós-humano.

A expressão “pós-humano” é usada desde 1988, quando Hans Moravec passou a falar de um mundo “pós-biológico” marcado pela liberação do pensamento até então escravizado por um corpo mortal. No começo dos anos 1990 o artista Stelarc passou a desenvolver a tese do corpo obsoleto. Já naquela época o australiano falava em estratégias pós-evolucionistas para reprojeter o corpo humano biologicamente mal

equipado e defasado para enfrentar seu novo ambiente extraterrestre. Stelarc passou a defender a tese de que o corpo deve irromper e transgredir seus limites biológicos, culturais e planetários. Isto significa compreender que o corpo é uma coisa imperfeita e débil que se deve construir tecnicamente perfeita e potente. Essa tarefa de equipar tecnicamente o corpo, de convertê-lo num ciborgue, para que adquira características típicas das máquinas avançadas, como velocidade, resistência e precisão, faz com que os experimentos e as combinações sejam sempre bem-vindas. As próteses e as micromáquinas devem ser implantadas no interior da pele para revitalizar e dinamizar a corporalidade, mostrando que o corpo nada mais é que uma embalagem para as nanomáquinas.

Stelarc se considera um arquiteto dos espaços interiores, um provocador de mutações, um exemplar transformador da paisagem do humano. Em suas performances a presença da máquina é o que pode devolver algum sentido ao corpo, garantir a sua funcionalidade espetacular. É preciso converter-se em um ciborgue para o corpo ser um show de energia e desempenho em qualquer situação e circunstância (GOELLNER e COUTO, 2007, pp. 117-123).

Como a tecnologia é cada vez mais miniaturizada e biocompatível, pausa, invade e se instala no interior do corpo, fazendo com que a dinâmica corporal seja cada vez mais determinada pela presença das próteses. O artista está convencido de que a estrutura fisiológica do corpo determina sua inteligência, memória e sensações. Modificar e ampliar tecnicamente essa estrutura são meios para redimensionar a percepção e a existência da realidade corporal nesses nossos novos tempos.

Para Stelarc, estamos no fim da filosofia e da fisiologia humanas. O homem não se define mais pelo natural nem pelo animal, mas pela tecnologia. Assim, o pós-humano é definido pela fisiologia biotécnica e o corpo deixa de ser um sujeito de desejo para ser um objeto de projeto. Re projetar tecnicamente o corpo é redefinir o que é o humano e adaptá-lo para que possa interfaciar com seu ambiente tecnológico. As pressões pela reengenharia corporal estão por toda a parte. “Há uma necessidade de projetar um corpo mais autônomo e mais eficiente energeticamente, com antenas sensoriais ampliadas e capacidade cerebral aumentada” (STELARC, 1997, p. 57).

O corpo projetado e ampliado incessantemente faz parte da evolução pós-humana, a que se programa, controla, expande, redesenha e atualiza por meio de próteses e softwares de alta tecnologia. O pós-humano é a passagem do psicocorpo para o cibercorpo. Explica Stelarc:

O PSICOCORPO não é nem resistente, nem confiável. Seu código genético produz um corpo que muitas vezes funciona mal e se cansa rapidamente, possibilitando apenas parâmetros tênues de sobrevivência e limitando sua longevidade. Sua química carbônica GERA EMOÇÕES SUPERADAS. *O psicocorpo é esquizofrênico.* O Cibercorpo não é um sujeito, mas um objeto – não um objeto de inveja, mas um objeto para a engenharia. O CIBERCORPO fica erizado com eletrodos e antenas, ampliando suas capacidades e projetando sua presença para locais remotos e para dentro de espaços virtuais. O cibercorpo torna-se um sistema estendido – não para meramente sustentar um eu, mas para intensificar operações e iniciar sistemas inteligentes alternados (1997, p. 59).

Desde a metade dos anos 1990 que a expressão “pós-humano” se tornou corrente em publicações e exposições de arte. Embora tenha conotações diferentes, de modo geral é usada para se referir a uma realidade de construção e reconstrução do corpo como parte de um circuito integrado de informações e matérias. O entrelaçamento de componentes humanos e não humanos, orgânicos e inorgânicos, chips e tecidos. Às vezes é substituído pelo termo transhumano, sempre no sentido de que a condição atual é de um humano mais que humano.

Esse estado de coisas, a convergência dos organismos com as tecnologias até o ponto de se tornarem indistinguíveis, onde não se sabe onde termina a carne e começa a prótese, ressalta a compreensão de que o que constitui o ser humano passa por profundas transformações. Essas transformações se sustentam em apelos sinestésicos do corpo que se refaz em múltiplas conexões dos sentidos com as incontáveis possibilidades dos sistemas. Como escreve Domingues, “o corpo como aparato sensorial entra num curto-circuito plurissensorial em que sua modalidade analógica se funde à modalidades digitais” (1997, p. 25). Nesse panorama do homem sempre assistido e expandido por máquinas e softwares, a sensibilidade humana é feita cada vez mais em ambientes tecnologizados. E sem eles já não existe reinvenção da vida.

O pós-humano é a conectividade crescente e irreversível dos sistemas biológicos e artificiais. É a condição humana expandida pelas tecnologias. Diz respeito ao agir, pensar e sentir de um homem cada vez mais acoplado a ambientes artificiais e digitais. Diz respeito à vida que se alimenta e configura estreitas e criativas interfaces com as tecnologias, pois as interfaces ampliam a sensorialidade, a inteligência e a memória, potencializa a cognição e a ação de pessoas em situações antes inalcançadas. O pós-humano diz respeito à existência remota, às fronteiras difusas que reposicionam o corpo

nas ciberzonas da interface e da extensão, como diz Stelarc, “dos limites genéticos para a extrusão eletrônica” (1997, p. 57).

De acordo com Santaella (2003, p. 192), as tecnologias do pós-humano são: a realidade virtual, a comunicação global, protética e nanotecnologia, redes neurais, algarismos genéticos, manipulação genética e vida artificial. As diversas combinações entre essas tecnologias apontam a realidade de que, na cibercultura, muitas ações vitais já podem ser replicadas maquinalmente, assim como muitas máquinas adquirem qualidades vitais. O pós-humano é o efeito desse conjunto de hibridismos que nos coloca no centro de múltiplas realidades corporais, sempre voláteis, sempre abertas à entrada e saída de fluxos de informação.

As políticas do pós-humano não cessam de criar possibilidades para incorporar, intercambiar, e substituir tecnologias no corpo. Tudo aqui é transitório, multidirecional, velozmente renovado. Nenhuma forma é satisfatória, nenhuma conquista é suficiente. O pro-jeto é a regra, metamorfosear-se é o destino. Plugar-se e estabelecer variadas conexões são modos de ser que fazem parte de um complexo e instável circuito demarcado pela fluidez das interfaces.

3. Interfaces dos corpos, das sexualidades e das tecnologias digitais

As políticas do corpo ciborgue, que se confundem com as políticas do pós-humano, organizam as mutações pelas quais passam o humano na atualidade. Modificar e transgredir, por meio de cirurgias, implantes, transplantes e estimulantes químicos, os limites do corpo estão se tornando novos desejos de consumo. Por toda parte, pessoas se lançam na aventura de construir uma versão corporal diferente e mais atualizada, que atenda as suas necessidades, performances e desejos continuamente renovados e socialmente celebrados. Para Kurzweil (2003 e 2007), são procedimentos decisivos e avançados no processo de construção do ser humano versão 2.0. Nesse contexto, as interfaces dos corpos, das sexualidades e das tecnologias digitais se com-fundem e anunciam novos modos de existir.

A reengenharia do corpo humano não se dá de uma vez. É um processo, em construção contínua. De um lado, é crescente a noção da obsolescência do corpo, de outro, é intensa a busca pelo emprego da supervitalidade biotecnológica. Os que conseguem se afastar e ultrapassar os limites das configurações biológicas, a versão 1.0, são promovidos ao status de pós-humanos, a versão 2.0. Essa com-fusão entre o natural

e o artifício, a carne e a técnica, os átomos e os bits, realizam a transmutação do humano. Uma transmutação que sobrevive em um progressivo *upgrade* corporal promovido e festejado em nome da eficiência, da beleza, da juventude, da boa forma, do gozo eterno, da saúde total.

As técnicas de maximização de si mesmo também promovem com-fusões na sexualidade. Agora tudo, absolutamente tudo, é sexual e todos estão prontos e tecnologicamente potentes para jogos e aventuras. Os estereótipos sexuais estão em toda parte. A política, a ciência, os esportes, toda a cultura está no sexo. A estetização é geral. O sexo se estetiza na publicidade e na pornografia que a tudo contaminam e seduzem. Mas quanto tudo passa a ser sexual, como escreve Baudrillard (1990, p. 15), é porque nada mais é sexual: o sexo perde toda a determinação e a com-fusão passa ser uma lei “nas variantes triviais da encantação sexual”.

No campo da sexualidade – e a partir de então seria mais correto falar em sexualidades, assim, sempre no plural -, as interfaces pós-humanas aceleram o prazer diante das com-fusões dos gêneros, da diversidade sexual e da indiferença do sexo como gozo. Tradicionais fronteiras como masculinidade e feminilidade, homem e mulher, se hibridizam. A cultura de alta tecnologia desafia e ironiza esses dualismos, deixando de lado as diferenças. O pós-humano, ao fazer a experiência íntima das fronteiras, de sua construção e desconstrução, nos lança igualmente nos domínios da pós-sexualidade. A pós-sexualidade provavelmente teve início quando o sexo foi desvinculado de sua função biológica. Muitas pessoas ainda recorrem ao sexo tradicional, aquele do embate dos corpos e da troca de líquidos, para se aproximarem intimamente e obter prazer. Não mais para a reprodução. Nas últimas décadas são muitas as técnicas disponíveis para gerar bebês: da inseminação artificial à possível clonagem de humanos, o leque de escolhas não cessa de ampliar. Para a reprodução, a atividade sexual deixou de ser uma necessidade e se converteu numa opção, talvez progressivamente abandonada (COUTO, 2008, p. 180). Liberto da reprodução, o sexo se tornou uma opção baseada na busca do prazer. Entretanto, essa opção é sempre cercada de inúmeros riscos e preocupações, sobretudo quando se sabe da ininterrupta ameaça da AIDS, uma doença ainda incurável.

O fato é que o sexo já se desvinculou da reprodução e nas últimas décadas passou também a se desvincular progressivamente do prazer. A indiferenciação dos pólos sexuais também é marcada pela indiferença crescente ao sexo como gozo. E essa indiferença é outro elemento estruturante da pós-sexualidade. Um estudo da Universidade do País de Gales informou que 52% das mulheres preferem o prazer

garantido de uma barra de chocolate a ter relações sexuais com alguém do sexo oposto². Uma outra pesquisa feita em 13 países - Argentina, Brasil, México, Estados Unidos, Espanha, França, Alemanha, Itália, Inglaterra, Holanda, Austrália, Filipinas e Índia - também chegou ao mesmo resultado³. Nos Estados Unidos um outro estudo apontou que mulheres preferem ir ao shopping a fazer sexo. Comprar é gozo certo. As mais fanáticas dizem preferir ficar três anos sem sexo em troca de “uns panos”. A maioria diz acreditar em amor a primeira vista: entre a mulher e um modelito⁴. Também nos Estados Unidos, pesquisa patrocinada pela Intel e desenvolvida pela Harris Interactive, afirmou que 46% das mulheres e 30% dos homens preferem a internet ao sexo⁵. Não são poucos os estudos que mostram que o sexo também está em baixa nos casamentos. Uma pesquisa do Ministério da Saúde, Trabalho e Bem-estar no Japão mostrou que 34% das pessoas casadas fazem sexo com seus cônjuges menos de uma vez por mês. Segundo a sociedade Japonesa de Ciência Sexual, casais que fazem sexo menos de uma vez por mês são definidos como assexuados. Em 2002, o total de casais assexuados era 31,9%. Kunio Kitamura, membro da comissão que organizou a pesquisa e diretor da Associação Japonesa de Planejamento Familiar, disse que "a porcentagem de casais que não fazem sexo vem aumentando nas últimas pesquisas"⁶.

Estudos como esses, em vários países, mostram que a atividade sexual está em baixa, que a indiferença pela prática sexual é crescente. Com um pouco de exagero é possível dizer que parte expressiva da população prefere qualquer coisa a sexo. Esse jogo da indiferença crescente pelo sexo como gozo, acompanhado da absoluta publicidade do sexo como espetáculo por toda parte, Baudrillard denomina de transexualidade. O antigo jogo da diferença – ser homem, ser mulher, heterossexual, homossexual, bissexual, transsexual etc – é na atualidade crescentemente marcado pela com-fusão e pela indiferença. Já não se tem convicção sexual e, justamente por isso, tornou-se possível professar todas as variáveis, todas as sexualidades, seja em práticas

² “Mulheres preferem chocolate ao sexo.”. Em <http://diario.iol.pt/internacional/chocolate-sexo-mulheres/818000-4073.html>. Acesso em 10 de julho de 2009.

³ “Brasileiras preferem chocolate a compras ou sexo.” Em <http://aletp.com/2008/05/27/pesquisa-brasileiras-preferem-chocolate-a-compras-ou-sexo/>. Acesso em 07 de agosto de 2009.

⁴ “Pesquisa revela que mulheres preferem comprar roupas a fazer sexo”. Em <http://g1.globo.com/Noticias/PlanetaBizarro/0,,MUL4763-6091,00-PESQUISA+REVELA+QUE+MULHERES+PREFEREM+COMPRAR+ROUPAS+A+FAZER+SEXO.html>. Acesso em 17 de julho de 2009.

⁵ “Mulheres preferem internet do que sexo”. Em <http://pcmag.uol.com.br/conteudo.php?id=784>. Acesso em 28 de junho de 2009.

⁶ “34% dos casais japoneses não fazem sexo”. Em <http://www.ipcdigital.com/br/Noticias/Japao/34-dos-casais-japoneses-nao-fazem-sexo>. Acesso em 08 de agosto de 2009.

ativas ou no reino dos signos. A com-fusão e a indiferença não criam outras identidades, elas todas se dissolvem e nos colocam no centro do pós-humano e da pós-sexualidade. Agora vivemos além do homem, além da mulher, além dos gêneros, além do sexo:

O corpo sexuado está entregue hoje a uma espécie de destino artificial. Esse destino artificial é a transexualidade. Transexual não no sentido anatômico mas no sentido mais geral do travestido, de jogo de comutação dos signos do sexo, e, por oposição ao jogo anterior da diferença sexual, de *jogo da indiferença sexual*, indiferenciação dos pólos sexuais e indiferença ao sexo como gozo. O sexual tem por objetivo o gozo (é o *leitmotiv* da liberação), o transexual tem por objetivo o artifício, seja ele o de mudar de sexo ou o jogo dos signos vestimentares, morfológicos, gestuais, característicos dos travestis. Seja como for, operação cirúrgica ou semi-úrgica, signo ou órgão, trata-se de próteses, e, hoje, em que o destino do corpo é tornar-se prótese, é lógico que o modelo da sexualidade se torne a transexualidade, e que está se torne em toda a parte o espaço da sedução.

Somos todos transexuais. Assim como somos mutantes biológicos em potência, somos transexuais em potência. E não é uma questão de biologia. Somos todos simbolicamente transexuais (BAUDRILLARD, 1990, p. 27-28).

A pós-sexualidade é a realidade do sexo que não está mais no sexo, mas no excesso publicitário e teatral, com todas as suas festejadas e reivindicadas ambigüidades, na circulação sideral dos signos e na multiplicidade inflacionária dos prazeres. Vivemos a era da exigência sexual ilimitada, da exigência urgente e total do gozo. A sedução está em todo lugar, como um serviço, e o sexual é apenas a atualização, por meio de próteses cirúrgicas, químicas ou de comunicação, de preferência em ambientes digitais, de um desejo sem fim que contamina corpos animados e inanimados, de modo cada vez mais imperativo. Na cibercultura, essa é a forma de realização plena das sexualidades: o sexual é apenas um modo de aparecimento, um brilho efêmero e arrebatador dos corpos, turbinados pelas tecnologias, nas carícias sem fim das telas. Aquele velho corpo obsoleto, aquela velha sexualidade - dos corpos que se encontravam, se apalpavam e se enlaçavam - são, agora, apenas resíduos, como forma ausente do desejo, na liquidação dos corpos também residuais. Afinal, nos domínios da rede, não passam de acessórios cada vez mais descartáveis.

É que com esse cibercorpo, com essa cibersexualidade, a presença carnal do outro e de nós mesmo também foi tomada pela indiferença, deixou de ser necessária.

Agora, tanto o corpo quanto a sexualidade passam a ser estimulados pelas próteses, pelos produtos químicos, são realizados progressivamente a distância. O toque já foi dispensado. Como escreve Le Breton (1999, p. 172), “vivemos a época da sexualidade sem corpo e a sedução é sempre um artifício, uma trama de aparências”, um repertório de sinais que circula na rede. Uma trama que com-funde também imagens e textos. Muitos textos. As narrativas sexuais estão em todos os lugares, mas, sobretudo nos ambientes virtuais, nas redes sociais. Não é difícil perceber que o texto substitui o sexo. E de acordo com o pesquisador francês, as sexualidades se convertem em textualidades, narradas por parceiros invisíveis. As sexualidades estão inscritas na virtualidade. Promovem sensações, mas sem contato. Assim, as sexualidades que circulam no ciberespaço se colocam a serviço de todo tipo de experimentação. Sem o corpo biológico, são seguras, higiênicas, dinâmicas, sem falhas, limites ou restrições de qualquer ordem.

Em todos os aspectos, quando o outro é marcado por desconfianças e se torna um perigo potencial e constante, as sexualidades sem corpo vivem das conexões e interfaces digitais, baseados em ideais de liberdades e experimentações a bel prazer, sem os inconvenientes da procura, do encontro, dos riscos eventuais de uma paixão; sem os perigos de doenças; sem o desconforto de partilhar a casa ou a cama; sem os dramas decorrentes da pouca ou da falta de flexibilidade dos valores e costumes aprisionados em anacrônicos modelos sexuais rígidos, com papéis supostamente definidos; sem os muitos medos de desvelar um corpo obsoleto, marcado por imperfeições e sempre sujeito a ser, de diversas maneiras, rejeitado.

Sexualidades sem corpo, sem relacionamentos. Afinal, o que se espera é que o prazer seja algo auto-sustentável e auto-suficiente. Um ir e vir nos circuitos eletrônicos, cujo gozo é a pura circulação entre os terminais eletrônicos. As sexualidades sem corpo são sempre de passagem e, por isso mesmo, espetacularizadas em redes e códigos livres para acesso múltiplos. A extensão do domínio publicitário das sexualidades depois do sexo também se transformou em bem de consumo. Cada um agora é estimulado a escolher, comprar, experimentar e descartar as sexualidades circulantes e sedutoras, disponíveis e valorizadas pelo mercado. Uma espécie de auto-serviço. Todos os modelos e possibilidades até então criadas estão disponíveis e cada um deve se servir à vontade, obter o máximo de gozo, mostrar-se à altura dos desempenhos sexuais ranqueados no quadro, sempre atualizado, das proezas sensacionais. Não por acaso o produtivismo do gozo tomou conta das narrativas de desempenho nos mais diversos

ambientes da internet. As sexualidades sem corpo, pós-humanas, são proezas que incitam a super libido - talvez uma forma de *savoir-faire* – em novas e desafiantes poéticas tecnológicas erotizadas.

Considerações finais

No reino das interfaces dos corpos, das sexualidades e das tecnologias digitais, dos prazeres triunfantes, os resíduos corporais e de gozo dos anacrônicos e simples humanos formam, ainda, imensos batalhões. As políticas do pós-humano com suas promessas de felicidade erótica não excluem as múltiplas manifestações de misérias corporais e sexuais que, para desgosto de muito, ainda persistem. Somos todos ciborgues. Mas nem todos da mesma maneira. Uns são bem defazados, com diversos prazos de validade vencidos, outros mais atualizados, aperfeiçoados pelas tecnologias de última geração. Somos todos pós-humanos, mas em sintonias e conexões diferentes, em estágios diversos de construção corporal. Somos todos transexuais, pós-sexuais, além do sexo, mas em diferentes graus de interações e conectividades. Os anúncios de gozos intermináveis também se com-fudem e revelam as muitas contradições e misérias de sistemas que se pretendem puros, mas que são contaminados por realidades múltiplas e distintas. Tudo é com-fuso, contraditório e paradoxal porque está em pro-jeto. Nada está pronto, construído, finalizado. Estamos todos sempre em processo, entre retrocessos e avanços que se esbarram em renovados limites e barreiras pessoais, educacionais, culturais e tecnológicas que não cessam de nos desafiar.

Como escreve Lipovetsky (2007, p. 303-304), esse “projeto político de desabrochamento erótico universal”, sua crença em “um progresso ilimitado, uma evolução ininterrupta, irreversível, universal, rumo à felicidade erótica” é, ele mesmo, paradoxal, e talvez não passe da grande ilusão da nossa vida presente. “Não nos enganemos: o que impede a realização libidinal não são as normas atléticas do sexo, mas, muito mais cruamente, a ausência de vida sexual, a solidão e também as perdas do desejo do outro, as incompreensões no casal, o desencantamento amoroso.” Enfim, tudo é contraditório porque esses fenômenos que a triunfante pós-humanidade menospreza, na verdade revivem em ininterruptas reciclagens e reconfigurações.

A fé otimista nos corpos ciborgues, no destino pós-humano e nas sexualidades potencializadas pelas próteses cirúrgicas ou químicas, conectadas em ambientes digitais e em circulação sideral nas redes sociais eletrônicas, também tem seu lado satânico,

devastador. Ela também se com-fude com renovadas insatisfações, fragilidades, inquietações e desencantamentos. Desvendado e redesenhado de inúmeras maneiras, o corpo tecnológico não é objeto de consenso. As políticas do pós-humano são essencialmente inquietantes e despertam as mais diversas e complexas paixões. Estamos, pois, diante de fecundos desafios para os estudos sobre corpos, gêneros e sexualidades e para as práticas de novas educações que considerem essas transformações aceleradas, dinamizadas e circulantes no contexto da vida digital.

A atenção deve mesmo ser redobrada frente aos encantos e às perplexidades. A otimização dos recursos corporais e relacionais, a completa sexualização dos signos e dos corpos, a valorização dos gozos instantâneos e frívolos que triunfa em toda parte, os sistemas desregulados e plurais, as classificações impressionantes, podem ser diferenciados espaços de liberdade e independência pessoal. Mas tudo isso só se realiza numa redobrada vigilância médica e publicitária, num redobrado controle sobre o corpo, os estados afetivos e os gozos sob encomenda.

Resta saber se as políticas do pós-humano, essas incríveis, velozes e criativas interfaces dos corpos, das sexualidades e das tecnologias digitais, anunciam e realizam renovados estágios de liberação e gozos eternos ou se a pós-humanidade não estaria sendo reduzida e seduzida por outras formas de aprisionamentos e impotências e, por isso mesmo, vivendo o alegre desespero diante de tudo o que zomba.

Referências

BOURG, Dominique. **O homem artifício. O sentido da técnica.** Tradução de Ruth Duarte Lima. Lisboa, Instituto Piaget, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal. Ensaio sobre os fenômenos extremos.** Tradução de Estela dos Santos Abreu. Campinas, Papirus, 1990.

BAUDRILLARD, Jean. **A ilusão do fim. Ou a greve dos acontecimentos.** Tradução de Manuela Torres. Lisboa, Terramar, 1992.

COUTO, Edvaldo Souza. **O homem-satélite. Estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica.** Ijuí (RS), Unijuí, 2000.

COUTO, Edvaldo Souza. A filosofia ciborgue do corpo. Revista **Margem**. São Paulo, PUC-SP, 2001, n. 13, páginas 85 a 99.

COUTO, Edvaldo Souza. **Corpos modificados. O saudável e o doente na cibercultura.** Em LOURO, Guacira Louro, FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade. Um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis, Editora Vozes, quarta edição, 2008

COUTO, Edvaldo Souza. Uma estética para corpos mutantes. Em COUTO, Edvaldo Souza e GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.) **Corpos mutantes. Ensaio sobre novas (d)eficiências corporais.** Porto Alegre, Editora da UFGRS, 2007.

DERY, Marc. La política ciborg del cuerpo: cuerpos obsoletos y seres posthumanos. Em **Velocidad de escape. La cibercultura em el final del siglo.** Traducción de Ramón Montoya Vozmediano. Madrid, Siruela, 1998.

GOELLNER, Silvana Vilodre y COUTO, Edvaldo Souza. La estética de los cuerpos mutantes en las obras de Stelarc, Orlan y Gunter von Hagens. **Revista Opción,** Revista de Ciencias Humanas y Sociales, Universidad del Zulia, Maracaibo – Venezuela, Año 23, número 54, septiembre-diciembre de 2007, pp. 114-131.

HARAWAY, Donna. **Ciência, cyborgs y mulheres. La reinención de la naturaleza.** Traducción de Manuel Talens. Madrid, Ediciones Cátedra, 1995.

KENSKI, Vani Moreira. O que são tecnologias? Como convivemos com as tecnologias? Em **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** Campinas, Papirus, 2003.

KURZWEIL, Ray. **A era das máquinas espirituais.** São Paulo, Editora Aleph, 2007.

_____. Ser humano versão 2.0. Jornal **Folha de São Paulo,** Caderno Mais, 23/03/2003. Texto original no site www.kurzweilai.net.

LE BRETON, David. **L'Adieu ao corps.** Paris, Métailié, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal. Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo.** Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. Em SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano.** Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2000

SIMONDON, Gilbert. **Du mode d'existence des objets techniques.** Paris, Aubier, 1989.

RIBEIRO, Paula Regina Costa, SILVA, Méri Rosane Santos da e GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade. Composições e desafios para a formação docente.** Rio Grande, Editora da FURG, 2009.

STELARC. Das estratégias psicológicas às ciberestratégias: a protética, a robótica e a existência remota. Tradução de Flávia Saretta. Em DOMINGUES, Diana (org.) **A arte no século XXI. A humanização das tecnologias.** Soa Paulo, Unesp, 1997.

Sobre o autor:

Edvaldo Souza Couto é Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (1985), mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1990) e doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1998). Atualmente é professor Associado na Universidade Federal da Bahia, no Departamento de Educação II. Dentre outros, publicou os seguintes livros: "Transexualidade. O corpo em mutação" (GGB, 1999), "O homem-satélite. Estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica" (Unijui, 2000), é co-organizador dos livros "Corpos mutantes. Ensaio sobre novas (d)eficiências corporais" (Edufrgs, 2007), "Walter Benjamin: formas de percepção estética na modernidade" (Quarteto, 2008) e "A vida no Orkut. Narrativas e aprendizagens nas redes sociais" (EDUFBA, no prelo). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, Comunicação e Tecnologias e também tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Estética Contemporânea: Escola de Frankfurt (Benjamin e Adorno) e Simondon. Estuda principalmente os seguintes temas: estética; dimensão estética da educação; corpo; filosofia da técnica; educação, comunicação e tecnologias; cibercultura e novas educações, leitura e escrita na era digital, currículo e formação de professores. Com bolsa de produtividade do CNPq desenvolve atualmente a pesquisa "Cibercultura e novas educações: leitura e escrita digitais na formação docente". Email: edvaldosouzacouto@pq.cnpq.br